



# QUALIDADE DO RELACIONAMENTO COM O TREINADOR E RESILIÊNCIA DE ATLETAS PARALÍMPICOS DE ATLETISMO E NATAÇÃO

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N1A12

Gabriel Lucas Morais **Freire**<sup>1</sup>  
José Fernando Vila Nova de **Moraes**  
Daniel Vicentini de **Oliveira**  
Sherdson Emanuel da Silva **Xavier**  
Laura Carvalho **Ribeiro**  
José Roberto Andrade do **Nascimento Junior**

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo foi investigar a qualidade do relacionamento com o treinador-atleta (RTA) e a resiliência de 64 atletas paralímpicos de atletismo e natação. Os paratletas eram participantes da Etapa Norte/Nordeste de Atletismo 2017. Dentre eles, 41 eram do sexo masculino e 23 do sexo feminino, com média de idade de  $28,42 \pm 11,32$  anos. Como instrumentos foram utilizados o Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) - versão atleta e a Escala de Resiliência de Connor-Davidson (CD-RISC). A análise de dados foi realizada por meio dos testes de Kolmogorov-Smirnov, U de Mann-Whitney e o coeficiente de correlação de Spearman ( $p < 0,05$ ). Os resultados evidenciaram correlação significativa ( $p < 0,05$ ), positiva e fraca ( $r < 0,40$ ) da dimensão de comprometimento com a resiliência ( $r = 0,35$ ). Concluiu-se que o sexo, faixa etária e modalidade não parecem ser fatores intervenientes na qualidade do RTA e na resiliência em atletas paralímpicos de atletismo e natação.

165

**Palavras-chave:** Relações Interpessoais; Resiliência; Esporte Paralímpico.

## QUALITY OF THE RELATIONSHIP WITH THE COACH AND RESILIENCE OF PARALYMPIC ATHLETES IN ATHLETICS AND SWIMMING

### ABSTRACT

The present study aimed to investigate the quality of the relationship with the coach-athlete (CAR) and the resilience of 64 paralympic athletics and swimming athletes. Parathletes were participants in the North / Northeast Athletics Stage 2017. Among them, 41 were male and 23 female, with an average age of  $28.42 \pm 11.32$  years. As instruments, the Coach-Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q)- athlete version and the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC) were used. Data analysis was performed using the Kolmogorov-Smirnov, U Mann-Whitney tests and Spearman's correlation coefficient ( $p < 0.05$ ). The results showed a significant ( $p < 0.05$ ), positive and weak ( $r < 0.40$ ) correlation between the dimension of commitment to resilience ( $r = 0.35$ ). It was concluded

<sup>1</sup> Endereço eletrônico de contato: bi88el@gmail.com

Recebido em 09/04/2020. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 05/05/2020.

*Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 165-177.*



that gender, age and modality do not seem to be intervening factors in the quality of the RTA and in the resilience in Paralympic athletics and swimming athletes.

**Keywords:** Interpersonal Relations; Resilience; Paralympic Sport.

## CALIDAD DE LA RELACIÓN CON EL ENTRENADOR Y LA RESISTENCIA DE LOS ATLETAS PARALÍMPICOS EN ATLETISMO Y NATACIÓN

### RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo investigar la calidad de la relación con el entrenador-atleta (RTA) y la resistencia de 64 atletas paralímpicos de atletismo y natación. Los paratletas participaron en el North / Northeast Athletics Stage 2017. Entre ellos, 41 eran hombres y 23 mujeres, con una edad promedio de  $28.42 \pm 11.32$  años. Como instrumentos, se utilizaron el Cuestionario de Relación Entrenador-Atleta (CART-Q) - versión atleta y la Escala de Resiliencia Connor-Davidson (CD-RISC). El análisis de los datos se realizó utilizando las pruebas de Kolmogorov-Smirnov, U Mann-Whitney y el coeficiente de correlación de Spearman ( $p < 0.05$ ). Los resultados mostraron una correlación significativa ( $p < 0.05$ ), positiva y débil ( $r < 0.40$ ) entre la dimensión del compromiso con la resiliencia ( $r = 0.35$ ). Se concluyó que el género, la edad y la modalidad no parecen ser factores intervinientes en la calidad del RTA y en la resistencia en el atletismo paralímpico y los atletas de natación.

**Palabras clave:** Relaciones Interpersonales; Resistencia; Deporte Paralímpico.

166

### 1 INTRODUÇÃO

O esporte paralímpico é considerado um fenômeno esportivo relevante, tendo em vista que as Paralimpíadas é tida como o terceiro maior evento do mundo, ficando atrás apenas das Olimpíadas e Copa do Mundo (Beckman, Newcombe, Vanlandewijck, Connick, & Tweedy, 2014). No Brasil, o cenário do esporte paralímpico vem despertando o interesse de pesquisadores, devido aos resultados alcançados pelos atletas paralímpicos nas últimas edições dos jogos Paralímpicos (Miranda, 2011).

Apesar desses resultados expressivos ainda é escasso na literatura científica como os atletas paralímpicos se preparam para os eventos competitivos, mas especificamente os atletas paralímpicos de atletismo e natação (Freire, Granja, Torres, Vasconcelos, & Morais, 2019; Freire, Torres, de Oliveira, & do Nascimento Junior, 2019; Leite et al., 2013). Uma vez, que essas modalidades representam aproximadamente 50% das medalhas conquistadas pelo Brasil na história dos jogos Paralímpicos (Miranda, 2011).

Dentro da perspectiva de esporte de alto rendimento a literatura atual demonstra que as altas demandas oriundas do esporte de excelência exigem do atleta preparação e dedicação



adequadas para o contexto (Stephenson, Leicht, Tolfrey, & Goosey-Tolfrey, 2019; Zeller, Abel, & Strueder, 2017). Desta forma, a preparação psicológica passa a ser um fator considerado como diferencial entre os atletas, influenciando diretamente no sucesso esportivo (Chan et al., 2015).

Dentro desses fatores psicológicos, a qualidade do relacionamento treinador-atleta (RTA) vem sido apontada pela literatura como um diferencial para o sucesso esportivo (Davis, Appleby, Davis, Wetherell, & Gustafsson, 2018; Nascimento Junior et al., 2019; Vieira et al., 2015; Vieira et al., 2018). O RTA é definido cientificamente como um modelo integrado dos 3+1cs, baseado na teoria da interdependência (Jowett & Poczwardowski, 2007). Esse modelo se consolida a partir das dimensões de Closeness (proximidade), Commitment (comprometimento), Complementarity (complementaridade) e Co-orientation (co-orientação), referentes aos aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais do relacionamento (Davis et al., 2018). O comprometimento (cognitivo) inclui a dedicação, o sacrifício e a satisfação na relação entre atletas e treinadores. A proximidade (afetivo) revela a perspectiva emocional que ambos expressam por meio do respeito, da confiança e da apreciação. A complementaridade (comportamental) se refere aos tipos de interação cooperativa existentes, sendo determinante na formação e na manutenção do relacionamento mútuo (Jowett & Ntoumanis, 2004; Mata & Gomes, 2016; Yang & Jowett, 2012). O elemento característico “+1C” (co-orientação) refere-se ao grau em que as percepções de treinadores e atletas estão interligadas (Mata & Gomes, 2016).

167

Estudos têm demonstrado empiricamente os benefícios da qualidade do RTA no contexto esportivo (Davis et al., 2018; Nascimento Junior et al., 2019). Especificamente, a qualidade do RTA tem sido associada ao desenvolvimento positivo de jovens (Vella, Oades, & Crowe, 2013), e a aspectos psicológicos, como a ansiedade (Santos, Côrte-Real, Regueiras, Fonseca, & Dias, 2016), a motivação (Vieira et al., 2018), as necessidades psicológicas básicas (Choi, Cho, & Huh, 2013), a coesão de grupo (Vieira et al., 2018) e a orientação às metas (Nascimento Junior et al., 2019).

Diante disso, o envolvimento autônomo dos atletas paralímpico favorece um maior suporte, adaptação e resolução de situações de risco dentro dos processos cognitivos, emocionais e comportamentais do contexto esportivo, desenvolvendo assim a resiliência no esporte (Sarkar, 2017). A resiliência no contexto esportivo é um processo dinâmico e multifatorial que envolve a capacidade do indivíduo de apresentar um desenvolvimento saudável, mesmo depois de experimentar situações de risco (Sarkar, 2017; Sarkar & Fletcher, 2014).

A resiliência apresenta relação positiva com a autoestima e as relações afetivas, consideradas como fatores protetivos do indivíduo (Sarkar, 2017; Sarkar & Fletcher, 2014). Os atletas que se sentem apoiados na sua tarefa pelos seus treinadores, sentem-se mais motivados, capazes e respondem de modo resiliente a situações adversas no contexto esportivo (Codonhato, Vissoci, Nascimento Junior, Mizoguchi, & Fiorese, 2018; Sarkar, 2017). Desta forma, a resiliência



surge como um fator psicológico de importância primordial, uma vez que auxilia os atletas no processo de adaptação e superação das demandas estressantes do contexto esportivo de alto rendimento (Sarkar, 2017).

Nessa perspectiva, compreender como as relações do RTA e a resiliência dentro do contexto paralímpico é de suma importância para auxiliar o campo da intervenção com essa população. Do ponto de vista prático, essa investigação pode fornecer informações relevantes sobre como o RTA e a resiliência podem promover o desenvolvimento dos atletas paralímpico, ajudando assim em planejamento de treinamento e intervenções mais eficazes dos atletas para as competições. Diante disso, o objetivo analisar deste estudo foi investigar a qualidade do RTA e a resiliência de atletas paralímpicos de atletismo e natação, buscando especificamente comparar em função do sexo, faixa etária e modalidade e verificar a associação entre a qualidade do RTA e a resiliência.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

### ***Participantes***

Fizeram parte deste estudo 64 atletas paralímpicos de atletismo e natação participantes da Etapa Norte/Nordeste de Atletismo 2017 do Circuito Paralímpico Brasileiro. Dentre eles, 41 eram do sexo masculino e 23 do sexo feminino, com média de idade de  $28,42 \pm 11,32$  anos. Os participantes foram selecionados de forma não-probabilística e por conveniência. Os participantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: 1) Ser atleta há mais de 1 ano; 2) Já ter participado de competições de nível estadual ou nacional; e 3) Ser atleta dentro das classificações funcionais das respectivas modalidades. Somente participaram do estudo os indivíduos que tiverem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado, e que verbalmente manifestaram o desejo de participar da pesquisa.

### ***Instrumentos***

O nível de resiliência foi avaliado através da escala de resiliência Connor-Davidson (CD-RISC-10) foi desenvolvida por Campbell-Sills e Stein (2007) e validada para o contexto geral brasileiro por Lopes e Martins (2011). Esta escala consiste em 10 itens que são respondidos em uma escala *likert* de cinco pontos. O resultado é uma pontuação de um ponto de 0 a 40 pontos, o que indica do mais baixo ao mais alto nível de resiliência. A confiabilidade da escala foi  $\alpha = 0,79$ , indicando forte confiabilidade (Hair, Risher, Sarstedt, & Ringle, 2019).



O Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) – versão atleta foi desenvolvido por Jowett e Ntoumanis (2004) e validado para o contexto esportivo brasileiro por Vieira et al. (2015). O CART-Q avalia as percepções do atleta sobre a qualidade da sua relação com o treinador. A escala é constituída por 11 itens distribuídos em três dimensões: Proximidade, Comprometimento e Complementaridade. As respostas são dadas numa escala tipo *likert* de sete pontos, num *continuum* de “Discordo totalmente” (1) a “Concordo totalmente” (7). A confiabilidade da escala foi medida em variando de  $\alpha = 0,88$  a  $\alpha = 0,90$ , indicando forte consistência de dados (Hair et al., 2019).

### **Procedimentos**

Inicialmente, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco, de acordo com as normas da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos sob o parecer nº 3.076.661. Em seguida o pesquisador entrou em contato com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e com os diretores e treinadores das equipes, com o intuito de esclarecer os objetivos e procedimentos da pesquisa e obter anuência. A coleta de dados ocorreu durante a Etapa Norte/Nordeste de Atletismo no ano de 2017, realizado na cidade de Recife-PE. Os instrumentos foram aplicados no hotel em que os atletas estiveram alojados em dias e horários disponibilizados pelos atletas e pelos técnicos. Os questionários foram aplicados sem a presença dos treinadores. O tempo médio de preenchimento foi de 20 minutos. Para evitar fontes de viés, um único avaliador aplicou os questionários.

169

### **Análise dos dados**

Inicialmente, foi utilizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov* para a análise da normalidade dos dados. Dada a distribuição não-paramétrica, foi utilizada a mediana (Md) e o intervalo interquartil (Q1-Q3) como medidas de tendência central e dispersão. O teste “U” de Mann-Whitney foi utilizado para comparar as variáveis em função do sexo, faixa etária e modalidade. A correlação de *Spearman* foi efetuada para verificar a associação entre a qualidade do RTA e a resiliência. Todas as análises foram conduzidas no software SPSS 22.0, adotando-se o nível de significância de  $p < 0,05$ .



### 3 RESULTADOS

Participaram do estudo 64 atletas paralímpicos (Tabela 1), com maior prevalência de homens (64%) com mais de 25 anos (51,6%) e praticantes de atletismo (64%).

**Table 1.** Caracterização da amostra (n = 64).

VARIABLES	<i>f</i> (Absolute)	%
<b>Sexo</b>		
Homem	41	64,0
Mulher	23	36,0
<b>Faixa Etária</b>		
Até 25 anos	31	48,4
Mais de 25 anos	33	51,6
<b>Modalidade</b>		
Atletismo	41	64,0
Natação	23	36,0

170

Ao comparar o nível do RTA e da resiliência em função do sexo (tabela 1), não houve diferença significativa ( $p > 0,05$ ) na qualidade do RTA e resiliência entre os grupos, indicando que atletas paralímpicos de atletismo e natação de ambos os sexos apresentaram a alta resiliência e alta qualidade de relacionamento com o treinador.

**Tabela 1.** Comparação do relacionamento treinador atleta e da resiliência pelo esporte dos paratletas em função do sexo.

VARIÁVEIS	Sexo		P
	Masculino (n=41)	Feminino (n=23)	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	
<b>RTA</b>			
Proximidade	7,00 (6,75; 7,00)	7,00 (7,00; 7,00)	0,818
Comprometimento	6,33 (5,58; 7,00)	6,67 (5,33; 7,00)	0,403
Complementariedade	7,00 (6,37; 7,00)	7,00 (6,25; 7,00)	0,981
<b>Resiliência</b>	33,00 (26,00; 38,00)	32,00 (26,00; 38,00)	0,833

Diferença significativa: \* $p < 0,05$ . Teste "U" de Mann-Whitney.



Conforme os resultados da Tabela 2, não verificou diferença significativa ( $p > 0,05$ ) entre as faixas etárias, demonstrando que independente da faixa etária os atletas paralímpicos demonstraram altos níveis de resiliência e relacionamento com o treinador.

**Tabela 2.** Comparação do relacionamento treinador atleta e da resiliência pelo esporte dos paratletas em função da faixa etária.

VARIÁVEIS	Faixa Etária		P
	Até 25 anos (n=31)	Maior que 25 anos (n=33)	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	
<b>RTA</b>			
Proximidade	7,00 (6,75; 7,00)	7,00 (6,87; 7,00)	0,633
Comprometimento	6,33 (5,67; 7,00)	6,67 (5,41; 7,00)	0,431
Complementariedade	7,00 (6,00; 7,00)	7,00 (6,50; 7,00)	0,436
<b>Resiliência</b>	32,00 (24,00; 38,00)	33,00 (30,00; 38,00)	0,182

Diferença significativa: \* $p < 0,05$ . Teste “U” de Mann-Whitney.

Em comparação a modalidade (Tabela 3), não foi apresentada diferença significativa ( $p > 0,05$ ) entre as modalidades, demonstrando que independente da modalidade os atletas paralímpicos demonstram altos níveis de resiliência e relacionamento com o treinador.

171

**Tabela 3.** Comparação do relacionamento treinador atleta e da resiliência pelo esporte dos paratletas em função da modalidade.

VARIÁVEIS	Modalidade		P
	Atletismo (n=41)	Natação (n=23)	
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)	
<b>RTA</b>			
Proximidade	7,00 (6,75; 7,00)	7,00 (7,00; 7,00)	0,433
Comprometimento	6,33 (5,33; 7,00)	6,83 (5,33; 7,00)	0,101
Complementariedade	7,00 (6,12; 7,00)	7,00 (6,68; 7,00)	0,245
<b>Resiliência</b>	33,00 (28,00; 37,50)	32,00 (23,75; 38,25)	0,804

Diferença significativa: \* $p < 0,05$ . Teste “U” de Mann-Whitney.

Ao analisar a correlação entre as dimensões da qualidade do RTA e as subescalas de resiliência (Tabela 4), observou-se associação positiva e significativa ( $p < 0,05$ ) entre a dimensão de comprometimento e a resiliência ( $r=0,35$ ), indicando uma associação linear entre as variáveis.



**Tabela 4.** Correlação entre a qualidade do RTA e a resiliência dos atletas paralímpicos.

Variáveis	Dimensões de RTA			Resiliência
	1	2	3	4
1. Proximidade	-	0,66**	0,91**	0,15
2. Comprometimento		-	0,72**	<b>0,35**</b>
3. Complementaridade			-	0,23
4. Resiliência				-

\* Correlação de Spearman. Correlação significativa: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ .

## 4 DISCUSSÃO

O objetivo desta investigação foi analisar o papel do RTA e da resiliência de atletas paralímpicos de atletismo e natação. Os achados são relevantes na medida em que são necessárias mais provas científicas sobre o papel das variáveis psicológicas no contexto do esporte paralímpico. O principal resultado do estudo refere-se à associação entre a dimensão da qualidade do RTA de comprometimento e a resiliência (Tabela 4).

Tais resultados permitem a compreensão que os atletas paralímpicos de natação e atletismo são comprometidos com seus treinadores para o desenvolvimento das habilidades pessoais, demonstrando autoconfiança e controle sobre suas ações. Esses achados vão de encontro ao modelo dos 3C+1 onde demonstra que é de suma importância para se criar/manter laços afetivos, com a adaptação do comportamento para a construção de uma relação social duradoura (Jowett & Poczwardowski, 2007). Craig (2012) e Davis et al. (2018) argumentam que no ambiente esportivo quando o treinador oferece apoio contínuo, respeito e mostra-se acessível ao atleta quando necessita, tanto para questões esportivas quanto pessoais, ele favorece a prevenção dos efeitos negativos de eventos estressores. Esses achados demonstram que quanto mais os atletas convivem com seus treinadores, mais estas relações transcendem a dimensão esportiva para uma relação mais pessoal (Cheuczuk et al., 2016; Nascimento Junior et al., 2019; Moura et al., 2019).

Na comparação da percepção dos atletas a respeito da qualidade do RTA em função faixa etária (Tabela 2), observou-se que independentemente da idade os atletas percebem uma boa dedicação, sacrifício e satisfação na relação com o treinador. O modelo dos 3C+1 propõe que a idade é um fator mediante da percepção de afeto e comportamento da relação com o treinador, visto que atletas mais jovens apresentam maior estreitamento de laços, enquanto os mais velhos demonstram maior independência (Jowett & Poczwardowski, 2007). Tais aspectos não foram observados na presente investigação, uma vez que a faixa etária dos atletas paralímpicos é



caracterizada como adulta e com um alto nível de rendimento (competições regionais, nacionais e internacionais), imprimindo maior independência e autonomia dos atletas.

Em relação a resiliência (Tabela 2), os resultados apontaram que os atletas independentes da faixa etária mostraram ser resilientes, demonstrando que atletas paralímpicos de atletismo e natação lidam com suas exigências do contexto esportivo como oportunidades de crescimento e desafios a serem superados. Podlog, Heil, e Schulte (2014) e Codonato et al. (2018) demonstram que a resiliência e constructos relacionados também têm sido estudados como características essenciais para o processo de reabilitação, considerando que atletas mais resilientes possuem atitudes e comportamento favoráveis ao processo de reabilitação. Estes aspectos cognitivos podem promover a facilitação de respostas que promovam a realização do melhor desempenho esportivo (Sarkar, 2017). Corroborando com os achados do presente estudo, Codonato et al. (2018) verificaram em atletas sem deficiência que a resiliência tem um papel fundamental para que o atleta se recupere das demandas estressoras do contexto esportivo competitivo, o que é algo determinante para o sucesso esportivo.

Quando os atletas paralímpicos foram estratificados por modalidade (Tabela 3), foram observados elevados valores nas dimensões da qualidade do RTA tanto para os atletas de atletismo quanto para os atletas de natação, indicando que os atletas de ambas as modalidades paralímpicos valorizam os aspectos afetivos, comportamentais e cognitivos os seus treinadores. Esses achados vão ao encontro dos princípios do modelo dos 3C+1, demonstrando que atletas paralímpicos de atletismo e natação percebem uma boa comunicação, respeito e confiança com seus respectivos treinadores (Jowett & Poczwardowski, 2007). Tal achado pode estar relacionado ao fato das experiências positivas vivenciadas entre treinadores e atletas (Vieira et al., 2015), as quais estimulam o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais (Vieira et al., 2018).

Com relação à resiliência (Tabela 3), os atletas paralímpicos de atletismo e natação apresentaram escores elevados, indicando alta capacidade de lidar com problemas, adaptar-se às mudanças, superar obstáculos e/ou resistir à pressão de situações adversas (Sarkar, 2017), o que pode ter influência no processo de avaliação de situações estressoras, nas respostas geradas e nos comportamentos adotado dentro do contexto esportivo (Sarkar, 2017; Sarkar & Fletcher, 2014). Esse fato pode estar relacionado ao fato de ambas as modalidades serem individuais e com isso a resiliência protege os indivíduos de potenciais efeitos psicológicos negativos decorrentes de esportes de alto desempenho e de modalidades coletivas, uma vez que a adaptação positiva se refere à capacidade dos indivíduos para manter o nível normal de funcionamento de suas habilidades psicológicas.

Destaca-se que tanto homens quanto mulheres apresentaram altos escores nas dimensões da qualidade do RTA (Tabela 1), com destaque para a proximidade e a complementaridade, demonstrando que os atletas de ambos os sexos valorizam os aspectos



afetivos e comportamentais na relação com seus respectivos treinadores. Tais achados são semelhantes aos de (Moura et al., 2019) ao verificarem que atletas de futsal do sexo feminino sem deficiência reportaram principalmente a complementaridade e a proximidade como importantes, demonstrando que o afeto e comportamentos amigáveis com o treinador são componentes relevantes para a satisfação no esporte. (Cheuczuk et al., 2016) verificaram que jovens jogadores de voleibol sem deficiência de ambos os sexos apresentaram satisfatória qualidade do RTA.

Em consonância com os resultados referentes à qualidade do RTA, observou-se que os atletas paraolímpicos de ambos os sexos apresentaram escores elevados de resiliência, evidenciando alta capacidade de manter níveis normais de funcionamento diante de uma situação estressora (e.g. competição) (Sarkar, 2017). Esses achados corroboram com a literatura ao verificar que atletas independente do sexo competem no alto rendimento para o reconhecimento social, paixão pelo esporte, demonstrando habilidades para provar o seu valor para os outros (Codonhato et al., 2018; Sarkar, 2017). (Belem, Caruzzo, Nascimento Junior, Vieira, & Vieira, 2014) verificaram em atletas sem deficiência de vôlei de praia que independente do sexo utilizar estratégias de enfrentar problemas, ter metas definidas, motivação e utilizar de concentração para as competições têm um impacto significativo no desenvolvimento do perfil resiliente de atletas de rendimento.

Apesar dos achados apresentados neste estudo, é de suma importância destacar algumas limitações. Primeiro, a escassez de estudos sobre a temática com atletas paralímpicos, o que impossibilita a comparação dos achados e estabelecimento de parâmetros. Segundo o tamanho da amostra e o recrutamento de apenas esportes individuais impedem a generalização dos resultados para todo o contexto Paralímpico. No entanto, a amostra pode ser considerada relevante porque os atletas competiram na principal competição das modalidades no Brasil. Segundo o estudo apresentou design transversal, avaliando os atletas paralímpicos de atletismo e natação em apenas um momento da temporada, impossibilitando análises das relações de causa e efeito entre as variáveis. Além disso, sugere-se que futuras pesquisas sejam realizadas também com atletas de outras modalidades, a fim de comparar os grupos (coletivas x individual), como também o envolvimento de outras variáveis psicológicas e com design longitudinal para verificar as possíveis alterações da qualidade do RTA e resiliência de grupo ao longo de uma temporada competitiva.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que os atletas paralímpicos apresentaram escores elevados de resiliência e satisfatória qualidade de RTA. Destaca-se que o comprometimento com o treinador está associado com o aumento da resiliência dos atletas paralímpicos. Como implicações práticas, destaca-se a importância de os treinadores proporcionarem um clima agradável durante treinamentos e competições, além de garantir um relacionamento de qualidade (proximidade, comprometimento e complementaridade), uma vez que o relacionamento de qualidade parece estar associado ao maior comprometimento com a resiliência.

## 6 REFERÊNCIAS

- Beckman, E. M., Newcombe, P., Vanlandewijck, Y., Connick, M. J., & Tweedy, S. M. (2014). Novel strength test battery to permit evidence-based paralympic classification. *Medicine*, 93(4).
- Belem, I. C., Caruzzo, N. M., Nascimento Junior, J. R. A. d., Vieira, J. L. L., & Vieira, L. F. (2014). Impacto das estratégias de coping na resiliência de atletas de vôlei de praia de alto rendimento. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 16(4), 447-455.
- Campbell-Sills, L., & Stein, M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the connor-davidson resilience scale (CD-RISC): Validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress: Official Publication of The International Society for Traumatic Stress Studies*, 20(6), 1019-1028.
- Chan, D. K. C., Dimmock, J., Donovan, R., Hardcastle, S., Lentillon-Kaestner, V., & Hagger, M. S. (2015). Self-determined motivation in sport predicts anti-doping motivation and intention: A perspective from the trans-contextual model. *Journal of Science and Medicine in Sport*, 18(3), 315-322.
- Cheuczuk, F., Ferreira, L., Flores, P. P., Vieira, L. F., Lopes Vieira, J. L., & do Nascimento Junior, J. R. A. (2016). Qualidade do Relacionamento Treinador-A atleta e Orientação às Metas como Preditores de Desempenho Esportivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-8.
- Choi, H., Cho, S., & Huh, J. (2013). The association between the perceived coach-athlete relationship and athletes' basic psychological needs. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 41(9), 1547-1556.
- Codnhato, R., Vissoci, J. R. N., Nascimento Junior, J. R. A. d., Mizoguchi, M. V., & Fiorese, L. (2018). Impact of resilience on stress and recovery in athletes. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 24(5), 352-356.
- Craig, A. (2012). Resilience in People with Physical. *The Oxford handbook of rehabilitation psychology*, 474.
- Davis, L., Appleby, R., Davis, P., Wetherell, M., & Gustafsson, H. (2018). The role of coach-athlete relationship quality in team sport athletes' psychophysiological exhaustion: implications for physical and cognitive performance. *Journal of sports sciences*, 36(17), 1985-1992.



- do Nascimento Junior, J. R. A., Fiorese, L., Vieira, J. L. L., Ferreira, L., Cheuczuk, F., Jowett, S., . . . Vissoci, J. R. N. (2019). Coach-athlete relationship and collective efficacy in volleyball: is the association explained by athletes' goal orientations? *Motricidade*, 15(2-3), 1-11.
- Freire, G. L. M., Granja, C. T. L., Torres, V. M. F., Vasconcelos, G. C. d., & Morais, M. P. d. (2019). Percepção da qualidade de vida em atletas de atletismo e natação paralímpica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2), 384-389.
- Freire, G. L. M., Torres, V. M. F., de Oliveira, D. V., & do Nascimento Junior, J. R. A. (2019). Comparação da qualidade de vida entre atletas e paratletas brasileiros de alto rendimento. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 27(3), 52-58.
- Hair, J. F., Risher, J. J., Sarstedt, M., & Ringle, C. M. (2019). When to use and how to report the results of PLS-SEM. *European Business Review*, 31(1), 2-24.
- Jowett, S., & Ntoumanis, N. (2004). The coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q): Development and initial validation. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, 14(4), 245-257.
- Jowett, S., & Poczwadowski, A. (2007). Understanding the Coach-Athlete Relationship.
- Leite, G. d. S., Amaral, D. P. d., Oliveira, R. S. d., Oliveira Filho, C. W. d., Mello, M. T. d., & Brandão, M. R. F. (2013). Relação entre estados de humor, variabilidade da frequência cardíaca e creatina quinase de para-atletas brasileiros. *Revista da Educação Física/UEM*, 24(1), 33-40.
- Lopes, V. R., & Martins, M. d. C. F. (2011). Validação fatorial da escala de resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11(2), 36-50.
- Mata, R., & Gomes, A. R. (2016). Relação treinador-atleta: Teoria, investigação e intervenção. *Relações interpessoais: Concepções e contextos de intervenção e avaliação*(1), 155-174.
- Miranda, T. J. (2011). Comitê Paralímpico Brasileiro= 15 anos de história.
- Moura, M. C. A. R., da Silva, T. N., de Assis, M. L. R., da Costa, L. C. A., Amorim, A. C., Fiorese, L., & Contreira, A. R. (2019). O relacionamento com o treinador pode afetar a motivação de atletas paranaenses de futsal? *Saúde e Pesquisa*, 12(1), 29-38.
- Podlog, L., Heil, J., & Schulte, S. (2014). Psychosocial factors in sports injury rehabilitation and return to play. *Physical Medicine and Rehabilitation Clinics*, 25(4), 915-930.
- Santos, F., Côrte-Real, N., Regueiras, L., Fonseca, A., & Dias, C. (2016). O papel do treinador no desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto: Do que sabemos ao que precisamos saber. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 2(11), 289-296.
- Sarkar, M. (2017). Psychological resilience: Definitional advancement and research developments in elite sport. *IJSPW*, 1, 1-4.
- Sarkar, M., & Fletcher, D. (2014). Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. *Journal of sports sciences*, 32(15), 1419-1434.



- Stephenson, B. T., Leicht, C. A., Tolfrey, K., & Goosey-Tolfrey, V. L. (2019). A Multifactorial Assessment of Elite Paratriathletes' Response to 2 Weeks of Intensified Training. *International journal of sports physiology and performance*, 14(7), 911-917.
- Vella, S. A., Oades, L. G., & Crowe, T. P. (2013). The relationship between coach leadership, the coach–athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. *Physical education and sport pedagogy*, 18(5), 549-561.
- Vieira, L. F., Nascimento Junior, J. R. A. d., Pujals, C., Jowett, S., Codonhato, R., & Vissoci, J. R. N. (2015). Cross-cultural adaptation and psychometric properties of the Brazilian coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q)-Athlete Version. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 17(6), 635-649.
- Vieira, L. F., Pizzo, G. C., Contreira, A. R., Lazier-Leão, T. R., Moreira, C. R., Rigoni, P. A. G., & Nascimento Junior, J. R. A. d. (2018). Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? *Revista de psicología del deporte*, 27(4), 0051-0057.
- Yang, S., & Jowett, S. (2012). Psychometric properties of the Coach–Athlete Relationship Questionnaire (CART-Q) in seven countries. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(1), 36-43.
- Zeller, S., Abel, T., & Strueder, H. K. (2017). Monitoring training load in handcycling: a case study. *The Journal of Strength & Conditioning Research*, 31(11), 3094-3100.